

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 71 — Domingo, 17 de Outubro de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

COMPRE E LEIA
"CARA ALEGRE"

A melhor revista
portuguesa de humorismo

À venda nas Livrarias — Preço 4800

AVENÇA

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

A INSTALAÇÃO DA INDÚSTRIA DAS FIBRAS ARTIFICIAIS EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Nos primeiros sete meses deste ano

importamos cerca de 34.000 contos dessas fibras

HÁ semanas, publicou o «Notícias do Algarve» uma local em que se deixava transparecer que uma poderosa organização tinha lançado as suas vistas sobre a nossa terra e dado balanço aos recursos naturais, para estabele-

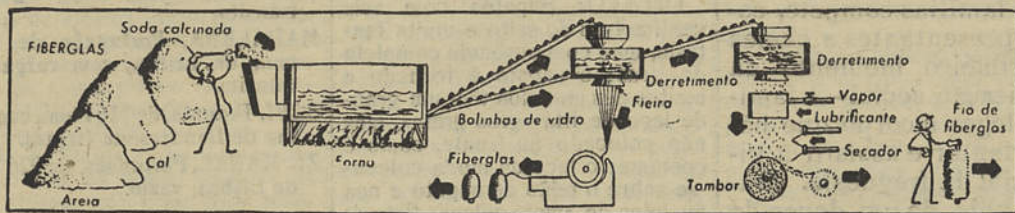
videndos com que as empresas de produtos químicos presenteariam os seus accionistas.

Acontece, porém, que todos os países procuram de certo modo acautelarem, em proveito próprio, os recursos de que se alimentam as

indústrias químicas. E daí o facto de normalmente não se conceder o «agrément» aos que vêm de fora...

Além daqueles aspectos da indústria química a que o «Notícias do Algarve» já se referiu no local em cau-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)



cer aqui uma grande indústria química.

Como todos sabem, a indústria química, quando conscienciosamente estudada, é a mais lucrativa do mundo, mais rendosa ainda, talvez, que a da extracção do ouro e dos diamantes. Daí a razão por que despertam cobiça, quando conhecidas, aquelas regiões aptas para delas se extraírem os fantásticos di-

ALGUMAS NOTAS

SOBRE «O VERMELHO E O PRETO»

DE STENDHAL

Por N. RODRIGUES PENA

HENRI Mary Beyle, ou melhor, Stendhal, como ficou notabilizado na literatura universal, não era desses indivíduos que se vangloriam de pertencer à casta de escritores entufados que se julgam os árbitros dos costumes e os condutores das

multidões. Apreciava, sim, os prazeres da vida, gostava mais de viver do que descrever a existên-

cia; amava o convívio da sociedade, as conversas com as mulheres, as intrigas dos salões, as anedotas pícaras e brejeiras, os ditos e gracejos cínicos.

Homem cheio de bons apetites e ambições—são de corpo e espírito—esse ser pequeno, tímido e ousado, um tanto grotesco na sua fealdade física, entredote já na idade, os olhos banhados de concupiscência, sentia-se admiravelmente no meio das gargalhadas das mulheres; sofria estoicamente os seus comentários impiedosos, os seus remoqueos trocistas. No íntimo, homem mais fadado para a vida intensa, para a acção, do que para as tarefas enfadonhas do gabinete, odiava tanto as tertúlias literárias como a própria

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)



Comandante Luis Figueiredo

mente o dedicado comandante dos Voluntários, o nosso querido amigo, sr. Luis Cardoso de Figueiredo, em dezenas de anos de esforços e canseiras, dezenas de anos de acção útil e

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

AO QUE CONDUZ O HUMORISMO

Pelo Eng. J. SILVA CARVALHO

À uma vez escrevi uma «blague» sobre a mulher, porque outra coisa não poderia fazer sem que me tomassem como inimigo público n.º 1—ele-

mento subversivo para os lares felizes, onde o homem se entrega prisioneiro, metido nas pautas e no pijama, para ouvir... telefonia!

Pois que queriam que escrevesse? Dizer verdades a brincar não se reveste dum perigo por aí além. O riso é sempre um capote translúcido, através do qual se enxerga o caso a nu. Por isso amo a «blague» e curvo-me reverente perante a subtilidade de certos humoristas.

Com coisas sérias—diz o vulgo—não se brinca. Mas pena tenho que o humor nunca tivesse inspirado capazmente os meus pensamentos. Quanto mais o cortejo mais ele me foge e, se o pretendo abraçar, num rasgo de audácia, cai-me dos bicos da pena a espirrar azedume, de riso amarelo, em esgares de gra-

ça pesada, incapaz de comunicar hilaridade, mesmo àqueles que riem por coisa nenhuma. Humorista não é quem quer. E' preciso ter veia e viver incli-

(CONCLUI NA 3.ª PAGINA)

O EMISSOR REGIONAL DE FARO E A CENTRAL ELÉCTRICA DE OLHÃO

PARA os rádio-ouvintes do Algarve, que preferem escutar o Emissor Regional de Sul, passou a constituir um hábito a interrupção dos programas da Emissora Nacional, «por motivo de deficiência no fornecimento de energia da Central Eléctrica de Olhão», conforme elucida o respectivo locutor.

Quase todos os dias, e quase sempre à mesma hora, por volta das 13 (número fatídico!), a mesma frase, no mesmo tom, misto de ironia e resignação, «vai para o ar», precedendo a interrupção forçada.

É bem certo que não vem daí grande desgraça para quem quer que seja: o emissor descansa—e o rádio-ouvinte, em vez de escutar Faro, passará a escutar Lisboa.

Todavia, porque a Aliança Eléctrica do Sul, na sua qualidade de concessionária de um serviço de utilidade pública, tem obrigações a que não pode eximir-se, não será demais sugerir que quem de direito ponha cobro, com uma salutar intervenção, àquilo que já se nos afigura, pela monotonia com que se repete e à falta de explicação melhor, uma brincadeira de mau gosto.

UMA CARTA

Do nosso prezado amigo e ilustre colaborador, sr. dr. Francisco Fernandes Lopes, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director

CONSTANDO-ME que um indivíduo, que se assina Pedro de Freitas e mora no Barreiro, anda a submeter à apreciação (como ele diz) de diversas pessoas que ignora quem sejam, de várias localidades, por meio de carta particular que lhes dirige, as cópias de duas cartas que inculca como da minha autoria, assinadas por um gatafunho que pretendia imitar a rubrica que uso por nas minhas receitas médicas; e carecendo pois, essas pessoas, de um complemento de informação elucidativa da minha parte, perante o assombroso teor dessas cartas, muito me obsequiaria V. dignando-se inserir no seu conceituado periódico, o seguinte:

1.º—Não escrevi, porque nada

tinha que escrever, sobre assunto nenhum, ao referido indivíduo, depois do que, em 13 de Dezembro último, deixei dito em remate definitivo da polémica pública (como ele chama ao correctivo que tive que aplicar aos seus dislates de toda a ordem) no jornal «Povo Algarvio», de Tavira.

2.º—Quem conheça o estilo pessoal e inconfundível dos meus escritos imediatamente terá reconhecido que ele tanta semelhança tem com o das cartas, absolutamente torpe, como um ovo com... um espeto! Muito me admirará, portanto, que, se o não fizeram já, as pessoas de bem que receberam essas pseudo-cartas, as não devolvam agora, pura e simplesmente, à procedência, em vez de se calarem e fazerem-nas circular, colaborando assim na difamação—(triste sinal dos tempos que atravessamos!...).

3.º—Finalmente—(e vai isto, em especial, para o biltre falsi-)

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

TROPEÇOS DO TURISMO

Por LUÍS CHAVES

FORAM criadas «Comissões de Turismo» em muitas cidades e vilas, que, pela natureza da paisagem e acidentes naturais ou pela sugestão local e regional dos monumentos, têm que ver e que mostrar aos de fora. Há os nacionais a procurarem conhecer melhor a sua terra. Vêm de fora os que pretendem acrescen-

tar aos seus conhecimentos e à ânsia moderna de calcorriar o mundo, conhecimentos novos em terras ainda não visitadas. E' compreensível o desejo, em cada cidade ou vila, de patentear a todos o que julgam digno de ser visto. Compreensível e louvável. Nem tudo, porém, vale o que se julga, e, quando vale, pouco se faz para lhe garantir a apreciação de valores.

Recentemente, um viajante inglês, que tem visitado Portugal por diferentes vezes, foi à Beira Alta e dali passou a Trás-os-Montes. Trazia na bagagem literária livros de José Coelho, para a Beira-Alta; de Jaime Lopes Dias, para a Beira-Baixa; do Abade de Baçal, para o Oriente de Trás-os-Montes, além de coisas menores, e entre elas as pequenas monografias

publicadas pelo Secretariado Nacional da Informação. Pretendia correr os lugares de melhor observação etnográfica e histórica, e ver costumes e feições populares, mais os monumentos (castelos, pelourinhos, pontes, tipos de casas na arquitectura medieval e

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

NO CONSULADO DE ESPANHA EM FARO

FORAM ENTREGUES AO COMANDANTE HENRIQUES DE BRITO as insígnias da Cruz de Mérito

Naval de Espanha, com que foi agraciado pelo Governo do país vizinho

Santa Casa da Misericórdia de Vila Real de Santo António

Informa o Corpo Directivo desta Santa Casa que, durante este mês de Outubro, terá início a Secção de Cirurgia, podendo começar, desde já, a inscrição de todas as pessoas interessadas para a respectiva consulta, a qual terá lugar nos 2.º e 4.º sábados de cada mês, pelas 10 horas.

A inscrição para esta consulta deve ser feita, antecipadamente, na Secretaria da Misericórdia.

O GOVERNO espanhol, reconhecendo a valiosa contribuição para um maior tratamento das amistosas relações entre os dois países peninsulares, dada pelo sr. capitão-de-mar-e-guerra João Emílio Henriques de Brito, capitão dos portos de Vila Real de Santo António, Faro e Tavira, agraciou este ilustre oficial com a Cruz de Mérito Naval de Espanha.

A entrega da respectiva condecoração realizou-se, com toda a solenidade, na passada terça-feira, no Consulado de Espanha em

Conta = Gotas

Por MARIA MANUELA NUNES

Diário

Dois décimos de febre. Quase nada, afinal. O suficiente para me excitar. Só. O crepusculo devora lentamente a limpidez dos contornos. A ideia do meu quarto foge-me entre os dedos. O vento grita como se desse sinal para muito longe. E o meu coração responde-lhe. E o barco onde vou, gageiro de olhos desertos no cesto da gávea, sulca as ondas enroupadas de nevoeiro. E milhões de lençóis, milhões de braços, milhões de almas acenam afavelmente, quando o barco passa.

Francine

Os olhos grandes, luminosos da Francine pequenina. Dois olhos maiores do que ela. Companheiros indispensáveis para as grandes, dolorosas, raibosas viagens. A presença de flores saudáveis. O incitamento à inabalável pureza. Continua inspiração. Paz.

Discos voadores

Tanta gente a olhar para o céu. Belo negócio! Tanto como eu gostaria de lhes dizer que é para a terra, para as coisas, para a lama, cá para baixo, afinal, que é preciso olhar!

Apontamento

Que pensa, minha amiga? Levo meia dúzia de livros publicados, dizem que conheço profundamente a minha língua e tenho algumas belas páginas sobre a nossa história. Pois quer saber o trabalho que me entregam no jornal? Organizar ficheiros e preencher verbetes. E parece que me devo dar por muito feliz...

Els a minha prenda

«Vocês cultivam amorosamente as moléstias do povo, o seu medo ao esforço, o seu amor ao prazer, ideologias sensuais, humanitarismos quiméricos, tudo o que entorpece voluptuosamente a vontade e que lhe pode tirar todas as razões para agir. Vocês levam-no direito às casas do ópio. E vocês bem o sabem, mas não o dizem: a morte está ali no fim. Pois bem, eu digo: onde está a morte não está a arte. A arte é o que faz viver.»

(Romain Rolland, in «Jean Christophe»)

BRAZ CONDE

Encontra-se em Portimão, de visita a sua família, o nosso prezado assinante, sr. Braz Cabrita de Almeida Conde, ilustre membro do Conselho de Administração do Banco Português do Atlântico.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Acompanhado de sua esposa, esteve nesta vila, com curta demora, o sr. António Lima, nosso prezado amigo e assinante, residente em Mértola.

De visita a sua família, tivemos o prazer de cumprimentar na nossa Redacção, o sr. Joaquim Martins Rocharte, que esteve nesta vila, durante os dias de feira, acompanhado de sua esposa.

Acompanhado de sua esposa, sr. D. Maria Isabel Roldan de Ramirez, regressou a Lisboa o nosso prezado amigo e illustre deputado pelo Algarve, sr. eng. Sebastião Ramirez, que passou o verão na sua Quinta de Cima, em Cacela.

Com sua esposa, regressou de Lisboa e Souzel, onde passou as suas férias, o sr. Alvaro de Lemos, proprietário do jornal «Correio do Sul».

Com sua família, regressou de Albufeira, para sua casa de Olhão, o sr. dr. Bernardino da Silva, distinto clínico e nosso estimado assinante na mesma vila.

Vindo de Lisboa, onde se encontra a aperfeiçoar-se na técnica de cabeleireiro, esteve nesta vila, com curta demora, o sr. Rogério Viegas Palma.

Com sua esposa, esteve entre nós o nosso prezado amigo e assinante, sr. José Rita, distinto tesoureiro da Fazenda Pública, em Loulé.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila, onde esteve com curta demora, o nosso prezado assinante, sr. dr. Inácio da Silva Branco, que se fazia acompanhar de sua esposa.

Com seu filho Eurico, que passou alguns dias com sua família, e breve segue para a Ilha Terceira (S. Miguel), encontra-se em Lisboa a sr.ª D. Maria Duarte Baltazar, esposa do nosso prezado amigo, sr. Diamantino M. Baltazar.

Passou alguns dias na sua casa desta vila, tendo já retirado para a Quinta das Cevadeiras, em Cacela, o sr. Manuel Bravo, nosso prezado amigo e assinante.

Esteve nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. dr. Humberto Sérgio de Brito Avô, distinto médico em Lisboa.

A fim de tratar de assuntos relacionados com a sua arte, encontra-se na cidade de Cádiz o construtor naval, sr. António Pena, nosso prezado assinante.

De regresso de Sevilha, passou nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo, sr. dr. José Frago de Lima, distinto Arqueólogo e Leitor de Língua Portuguesa na Universidade de Santiago de Compostela (Espanha).

Vimos nesta vila o nosso prezado amigo e assinante, sr. Dante Barbosa Guerreiro, com sua esposa e filho.

Foi a Faro a nossa assinante, sr.ª prof.ª D. Luísa Alves Nunes.

Vimos nesta vila, com curta demora, o nosso amigo e prezado assinante, sr. Diamantino de Sousa Cardoso.

Nascimento

Em Viseu, deu à luz uma robusta criança do sexo masculino a sr.ª D. Maria José Sá Grego Horta, esposa do nosso prezado assinante e amigo, sr. Artur Aleixo Horta, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, naquela cidade.

Mãe e filho encontram-se, felizmente, bem.

Casamentos

No passado dia 18 de Setembro, realizou-se, na igreja de Nossa Senhora da Graça, em Moncarapacho, a cerimónia de casamento da sr.ª D. Maria José Palmeira, professora oficial na mesma povoação, filha da sr.ª D. Maria José da Silva Palmeira e do sr. José Martins Palmeira, comerciante e proprietário, com o sr. José Antero do Nascimento Neto, empregado de escritório, filho da sr.ª D. Maria da Conceição do Nascimento Neto e do sr. José Joaquim Pereira Neto, proprietário e sócio gerente da Empresa Rodoviária do Sotavento do Algarve.

Serviram de padrinhos, por parte da noiva, seus tios, a sr.ª D. Maria Edite Palmeira de Marques Davim e esposo, sr. dr. Raúl Marques Davim, digníssimo ajudante do Procurador da República em Faro, e, por parte do noivo, a sr.ª D. Maria José Guerreiro e seu es-

SE ENCONTRAREM SARDINHAS MARCADAS AVISEM

FIM de estudar as migrações da sardinha, o Instituto Científico Técnico das Pescas Marítimas, de França, marcou peixes desta espécie com um agrafe cirúrgico, de 16 m/m, tendo um pequeno anel plástico. Cada anel tem a sua cor correspondente ao lugar onde a marcação foi feita.

Amarela—5.000 sardinhas marcadas em fins de Maio, ao largo de Baiona e St. Jean-de-Luz. Branca—5.500 sardinhas marcadas, no fim de Junho, na região de Belle-Isle. Vermelha—5.800 sardinhas marcadas, no princípio de Julho, na barra de Concarneau.

Pede-se aos pescadores, conservadores e negociantes de peixe que encontrem sardinhas marcadas, que avisem aquele Instituto ou a Capitania mais próxima, indicando a data e o lugar onde foram pescadas.

UMA CARTA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ficador, quem quer que ele haja sido—quem sabe se o dito indivíduo, armando-se em vítima, para efeito de maior publicidade do tal canhenho de memórias que no «Diário de Lisboa» reclamara já com a vera efigie?—, eu não costumo assinar com rubrica as cartas que escrevo à máquina, mas com o meu nome, por minha letra; e também nunca escrevo em abreviatura Sr., mas sempre Sr. (Tome lá nota deste pormenor, para a próxima falsificação...). De resto, como podia eu ter enviado de Olhão, em 5 de Agosto, a torpíssima segunda carta, se nesse dia eu estava já em Sines, donde aos jornais «Correio do Sul», «Povo Algarvio» e «Notícias do Algarve», enviei as cartas que publicaram sobre a matéria histórico-artística que foi objecto quase exclusivo da ocupação do meu tempo e do meu espírito, ali, durante o meu romãso—coisas essas, por certo, a infinita distância das torpezas e vilezas que as decantadas pseudo-cartas denunciavam... Nada mais.

Agradecendo penhoradamente, sr. Director, a publicação solicitada, peço me creia, com os melhores cumprimentos,

De V., etc.

Francisco Fernandes Lopes
Olhão, 7-X-54

CRIADA

Com conhecimento de cozinha, precisa-se. Informa-se na Redacção deste jornal.

poso, sr. Aníbal Guerreiro, gerente da E. V. A. e importante industrial.

Finda a cerimónia, foi servido, em casa dos pais da noiva, um finíssimo lanche aos numerosos convidados. Os noivos seguiram para o Norte, em viagem de núpcias, devendo fixar depois a sua residência em Moncarapacho.

«Notícias do Algarve» deseja as maiores felicidades ao novo casal.

Realizou-se, em Faro, no passado dia 7, na igreja de S. Francisco, a cerimónia do casamento da sr.ª D. Maria del Carmen Sanchez Ramirez, gentil e preñada filha da sr. D. Maria del Carmen Ortigão Sanchez de Ramirez e do importante industrial, sr. Mário Garcia Ramirez, nosso prezado amigo e assinante, com o sr. Tomás António Pimentel Pinto Bandeira da Gama Vasconcelos Pessanha, finalista de Engenharia, filho da sr.ª D. Maria Firmina Pimentel Pinto de Vasconcelos Pessanha e do sr. dr. Gonçalo Pires Bandeira da Gama Pessanha de Faria Coutinho, abastado proprietário e médico em Tavira.

A cerimónia a que presidiu o nosso conterrâneo rev. padre dr. Sezinando Oliveira Rosa, revestiu-se de grande solenidade, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos. No final foi servido um finíssimo copo de água, na Pousada de S. Brás.

O novo casal, a quem desejamos as maiores venturas e a que Sua Santidade enviou a bênção papal, seguiu para o estrangeiro, em viagem de núpcias, fixando depois residência na capital.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

A NOSSA TERRA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

perseverante, que obtiveram como justo prémio o dispormos, presentemente, de uma organização que honra a nossa terra e de que nos podemos orgulhar.

Um dos obstáculos mais difíceis de transpôr, o sério problema de um aquartelamento capaz, onde os Bombeiros pudessem dispor de instalações com os requisitos indispensáveis, não só para a acomodação das viaturas e material, como para os indispensáveis exercícios de treino, encontra-se praticamente resolvido.

Segundo nos informou, muito amavelmente, o comandante Luis Figueiredo, dentro de poucas semanas proceder-se-á a cerimónia do lançamento da primeira pedra. O novo quartel, edifício de linhas harmoniosas e elegantes, que se fica devendo ao bom gosto do ilustre architecto sr. Jorge de Oliveira, ficará situado à entrada da vila, na projectada Praça eng. Duarte Pacheco, em terreno cedido pela Câmara Municipal (por troca com o terreno que os Bombeiros haviam adquirido, há tempos, para esse fim — o antigo Teatro Alexandre Herculano — e que se destina à também projectada Praça da Misericórdia, ambas incluídas no Plano Municipal de obras para 1955.) Terá perto de cinquenta metros de frente, e, além de vasto recinto para acomodação das viaturas e parque de instrução, com uma torre, de altura equivalente a um 2.º andar, disporá de secretaria, gabinete para o comandante, camaratas para bombeiros, instalações sanitárias, com chuveiros, etc., residência para o bombeiro de serviço permanente ao Quartel, acomodações especiais para fardamentos e material, ginásio e uma parte recreativa, destinada aos sócios da Corporação, constituída por gabinete de leitura, sala de estar e bar-restaurant.

O custo do edificio está computado em 600 contos, soma elevada, para a qual a Câmara já contribuiu com 75 contos. Há, ainda, a juntar ao capital realizado pelos Bombeiros, a participação dada pelo Estado — e a subscrição aberta por um grupo de amigos dos Bombeiros e que, depois de alguns anos de angariação de donativos, apresenta um saldo de 11 contos, resultado que, francamente, se pode considerar pouco brilhante, mas que já constitui uma ajuda e revela, sobretudo, a boa vontade e carinho, altamente louváveis, dum grupo de amigos dos Bombeiros.

Regozijamo-nos, pois, com este importante melhoramento em vias de realização, e, cumprindo um dever de elementar justiça, felicitamos vivamente o valoroso comandante dos Bombeiros Voluntários da nossa terra, sr. Luis Acácio Cardoso de Figueiredo, a quem ele fica a dever-se, pois sem o seu entusiasmo, a sua devoção ilimitada pela Corporação que tão brilhantemente comanda, a sua persistência e tenacidade, com o sacrifício da sua saúde e (tantas vezes!) dos seus interesses, os Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António continuariam, por largos, larguíssimos anos, longe de atingir a meta agora alcançada.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia

Para si, minha senhora

A SENHORA «FEIJÃO VERDE» TERÁ «ROSTOZINHO DE GATA»

DECIDIDA e infelizmente, voltamos a 1925, nesta moda que Paris apresenta para 1954. Mulher «feijão verde» chamaram os costureiros à nova silhueta agora lançada. E como o feijão verde nunca teve cintura nem elegância, já fazemos uma ideia bem aproximada da «linha» que iremos usar na próxima estação.

São doze os pontos essenciais que deve respeitar a elegante 1955:

PRIMEIRO: Uma linha de corpo muito suave, sem curvas vincadas, como é próprio de um «feijão verde» que se preza;

SEGUNDO: Um busto alto, pequeno e o mais disfarçado possível, sem nada que faça lembrar a Silvana Mangano;

UM DEVER CÍVICO

REALIZAM-SE, hoje, em todo o distrito, eleições para as Juntas de Freguesia. Aos chefes de famílias compete, como representantes e chefes do primeiro momento da organização social — a família — eleger o corpo que há-de orientar e assistir à vida social da freguesia. Trata-se, pois, de um dever de capital importância, um dever que transcende o próprio indivíduo, pois que cada eleitor surge com voz da família que chefia e orienta. Por isto, é de esperar que todos cumpram o seu dever fundamental, numa perfeita manifestação de bem compreendido civismo.

Damos, seguidamente, a nota dos candidatos, efectivos e substitutos, das freguesias de Vila Real de Santo António, Cacela, Castro Marim, Azinhal e Odeleite, que compõem este concelho e o vizinho concelho de Castro Marim.

Junta de Freguesia de Vila Real de Santo António:

EFFECTIVOS — Mário Antunes Lança, Manuel da Costa Cardoso e João de Almeida Cavaco.

SUBSTITUTOS — Aurélio de Brito Clemente, Francisco Couraça Rodrigues e Emlílio dos Santos Ferreira.

Junta de Freguesia de Vila Nova de Cacela:

EFFECTIVOS — Alexandrino Guerreiro Cavaco, Manuel Correia Júnior e José da Silva Trindade.

SUBSTITUTOS — Manuel Cristo Mónica, Jacinto Pereira Guerreiro e Manuel Pereira Nunes.

Junta de Freguesia de Castro Marim:

EFFECTIVOS — António Costa Esteves, Sebastião de Sousa e Silva e José António Colaço Nunes.

SUBSTITUTOS — Manuel José Rufino, João Viegas Rocha e Alfredo Nogueira Faisca.

Junta de Freguesia de Azinhal:

EFFECTIVOS — Daniel Rodrigues Palma, João Viegas e Firmino Gonçalves.

SUBSTITUTOS — Manuel Vaz Antunes Rosa, Francisco Rodrigues Palma e Ezequiel Anastácio Viegas.

Junta de Freguesia de Odeleite:

EFFECTIVOS — José Sebastião Rodrigues, Amândio Estêvam e Domingos António Alberto.

SUBSTITUTOS — Augusto dos Santos Quintino, Alexandrino Alberto do Carmo Cavaco e Manuel Sales.

TERCEIRO: Vestidos e casacos em vários tons de azul, amarelo limão, encarnado e castanho, que será também quase sempre a cor do chapéu;

QUARTO: Golas e punhos de peles as mais variadas, desde as de pelo rato até às de raposa azul, raposa da Noruega e raposa preta; um saco ou um regalo da mesma pele tornarão ainda mais elegante o conjunto;

QUINTO: Ombros normais e ancas pouco valorizadas, o que implica muito cuidado com a manteiga às refeições;

SEXTO: Cabelos mais compridos do que até agora, arrepiados, algumas vezes com um pequeno carrapito. Para as muito elegantes e muito, muito bonitas, o cabelo penteado à «gatinha» — o cabelo puxado para a frente, muito justo às fontes;

SETIMO: Chapelinhos cobrindo a nuca e tapando quase sempre as orelhas ou, pelo menos, uma delas, com uma pequena inclinação para a direita; chama-se o modelo 1955 o «chapelinho-cabeleira», pois, na verdade, assenta justo na cabeça, como as cabeleiras;

OITAVO: Sapatos com seis centímetros de salto e muita fantasia, mas com ausência completa de tiras; o sapato é fechado e muitos dos modelos têm um grande laço de fita «gros-grain», mas não colocado na frente, como é costume; o laço da moda coloca-se sobre o talão do sapato e nos modelos de «mais calçar» (isto é: para serem usados com vestidos «de mais vestir») usa-se mesmo, em vez do laço, um cordão de pérolas ou de «strass», colocado no mesmo sítio do sapato;

NONO: O uso e abuso de grandes brincos, colares e mais jóias de fantasia, inspiradas nas artes egípcia e mexicana;

DÉCIMO: Ausência quase total de «maquillage», que se resume a um leve, muito leve realçar de lábios, e a um discreto traço nos olhos, de modo a torná-los mais rasgados, «olinhos à gata», como a moda lhes chama;

UNDÉCIMO: Grandes sacos e grandes carteiras, a maioria dos quais na pele do casaco ou das golas.

Além destes pontos essenciais, há, ainda, como novidade, as capas, de vários tamanhos e feitios, de Bohan; as golas «Pierrot», de Castilho; a linha «Odalisca», de Carven; os saltos «Watteau» e «Luis XV» e a reaparição do raminho de violetas, que se prende na gola do casaco. Com a sua modéstia, com o seu perfume suave, com a sua tonalidade tão fina e tão bela, o raminho de violetas vai poetisar e pôr uma nota de ternura na senhora «feijão verde» e vai iluminar românticamente todos os belos rostozinhos «de gata» que a moda de 1955 nos promete espalhar...

Noémia Gil Faria

Movimento demográfico DO ALGARVE

VAMOS transcrever alguns números referentes ao ano passado, acerca do movimento demográfico da nossa província.

No que respeita ao movimento geral da população, verifica-se que foi o concelho de Vila Real de Santo António que teve proporcionalmente o maior excedente de vidas, que se cifram em 174. Os excedentes de vidas nos restantes concelhos foram os seguintes: Albufeira, 126; Alcoutim, 77; Aljezur, 52; Alportel, 51; Castro Marim, 49; Faro, 242; Lagoa, 107; Lagos, 119; Loulé, 253; Monchique, 180; Olhão, 252; Portimão, 257; Silves, 281; Tavira, 176, e Vila do Bispo, 55.

Eis os números de casamentos e óbitos: Albufeira, 114 casamentos e 144 óbitos; Alcoutim, 50 e 141; Aljezur, 76 e 85; Alportel, 89 e 122; Castro Marim, 60 e 110; Faro, 275 e 356; Lagoa, 107 e 152; Lagos, 135 e 177; Loulé, 590 e 512; Monchique, 127 e 147; Olhão, 253 e 373; Portimão, 185 e 259; Silves, 265 e 395; Tavira, 207 e 308; Vila do Bispo, 40 e 50; Vila Real de Santo António, 121 e 154.

O mais elevado número de óbitos infantis registou-se no concelho de Olhão, 86, e o menos em Aljezur, 7. No nosso concelho, o número de crianças, que morreram até à idade de 5 anos, foi de 54, o que se pode considerar excessivo em relação à densidade populacional.

Sairam o ano passado do nosso distrito 585 emigrantes, a maior parte dos quais para a Argentina e Brasil, 87 deles foram para a Venezuela.

AGENDA

MOVIMENTO DA BOTA de Vila Real de Santo António

De 8 a 14 de Outubro:

TRAINEIRAS

| | |
|--------------------|---------------|
| Tufão | 155.210\$00 |
| Flor do Guadiana | 125.970\$00 |
| Flor do Sul | 108.540\$00 |
| Carmela | 101.210\$00 |
| Raulito | 100.590\$00 |
| Maria Rosa | 87.225\$00 |
| Infante | 73.340\$00 |
| Agadão | 70.705\$00 |
| Sam Domingos | 52.360\$00 |
| Brisa | 51.835\$00 |
| Bátnha | 51.155\$00 |
| Janita | 18.490\$00 |
| Pérola do Guadiana | 16.920\$00 |
| Liberta | 16.310\$00 |
| Deolinda Rita | 11.410\$00 |
| Persistente | 7.540\$00 |
| Tôluiz | 7.330\$00 |
| Restauração | 6.750\$00 |
| Total | 1.062.890\$00 |

CERCO

Amazona 110.770\$00

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António

de 8 a 14 de Outubro:

Entrados:

LAUPEN, Suíço, de 469 ton., de Tânger, com esparto.
MADEIRENSE, Português, de 497 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
MADALENA, Português, de 1198 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
SAFI, Francês, de 1164 ton., com folha de flandres, de Nantes.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

ZÉ MANEL, Português, com minério, para Lisboa.
MADEIRENSE e MADALENA, Portugueses, ambos com sal, para o Funchal.
LAUPEN, Suíço, com conservas, para Génova.
SAFI, Francês, para Casablanca, com carga em trânsito.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 16 a 22 de Outubro, a Farmácia CARILHO, Praça Marquês de Pombal - Telefone 49.

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

NOVO ESTABELECIMENTO

DAS MÁQUINAS «OLIVA»

CONFORME noticiámos, foi inaugurado, na manhã do dia 11 do corrente, o novo estabelecimento para venda das máquinas de costura «Oliva» e respectivos acessórios, o qual ficou instalado na Rua Teófilo Braga, desta vila.

Ao acto inaugural, presidiram o sr. Alfredo Campos Faisca, acompanhado de sua filha, e o concessionário da Fábrica «Oliva» no Algarve, sr. Luís Cabrita do Rosário, o qual, por deferência especial do proprietário, abriu simbolicamente a porta do novo estabelecimento, que se apresentava finamente ornamentado para a solenidade.

Entre a assistência de convidados, notámos a presença do sr. Manuel Oliveira Rosa, sua esposa, sr.ª D. Maria Angelina Magro Rosa e menina Maria Sezinando Magro Rosa; a professora de bordados, sr.ª D. Adélia Viegas Rocha, o sr. Américo de Sousa Branco, inspector da «Oliva» no Algarve, e a menina Maria Lúcia de Melo Horta.

Os nossos desejos de muitas prosperidades.

ACTIVIDADE CULTURAL

DA F. N. A. T.

POR acordo com a direcção da F. N. A. T., o poeta Miguel Trigueiros vai realizar, em todos os distritos do país, palestras e recitais de poesia, com vista à elevação do nível cultural e artístico dos trabalhadores, a cujos auditórios especialmente se destinam. O primeiro destes espectáculos efectuou-se já, no passado dia 9, em Portalegre, obtendo grande êxito. Fez a apresentação do poeta e conferencista o Delegado do I. N. T. P. naquele distrito, dr. Fernando Baptista da Silva, e entre a assistência viam-se as mais altas personalidades oficiais, religiosas e civis de Portalegre, entre as quais o poeta José Régio.

SECÇÃO DE CINEMA

FOR VITORIANO ROSA

MISCELÂNEA

UMA ENTREVISTA

«Fazer filmes para serem aprovados em serões de província não me interessa. Será com este critério que empreenderei a produção de filmes de longa metragem, se essa oportunidade se me oferecer. A fórmula mesquinha dos mil e um compromissos, das publicidades disfarçadas, e do «para quem é, bacalhau bastas» só pode destruir cada vez mais as nossas possibilidades. Não vejo senão esta solução para o cinema português: produzir filmes ousadamente bons, com qualidade internacional. Isso é possível. Basta que ponhamos nos nossos empreendimentos um pouco mais de sincero respeito pelo lado cultural e artístico do nosso cinema (sem esquecer lucidamente o seu necessário condicionamento industrial.) Tudo isso suporá, naturalmente, a formação de uma nova consciência destes problemas. Para isso, considero fundamental uma renovação da crítica, a organização de uma cinemateca, o reforçamento do movimento cineclubístico, a continuação de revistas como «Imagem» e «Visor», congressos como aquele cuja ideia foi pela primeira vez defendida nas páginas do «Diário de Lisboa», conferências, etc. Creio que a ocasião é boa, porque a actual crise, o desafecto crescente do nosso público pelo cinema português, tornam cada vez mais desencorajador aquilo que os brasileiros chamaram «cinema de cavação». E quando a «cavação» já não dá resultado, é preciso mudar de vida. Até os menos entusiastas, os mais «comerciantes» dos nossos profissionais terão de o reconhecer.»

(Declarações de José Ernesto de Sousa, ao «Diário de Lisboa»)

UM EXEMPLO A SEGUIR

A Câmara Municipal de Braga promoveu, de colaboração com a «Dante Alighieri» e a «Direzione Generale dello Spettacolo» uma sessão de cinema cultural, constituída por uma palestra do dr. Duarte de Montalegre, leitor de português na Universidade de Roma e pela exibição dos documentários «A Festa de Pálio em Sena», «Aspectos da Sicília árabo-normanda» e «A Pietà, de Miguel Angel», os dois últimos coloridos pelo sistema Ferrania.

Es um exemplo digno de ser ponderado pelas Câmaras Municipais do País, abandonadas hoje a uma lamentável inactividade cultural, precisamente quando, em discursos bombásticos, a Imprensa e o Rádio (e o próprio cinema também) enaltecem os progressos do famoso Plano de Educação Popular.

Tão famoso quanto o «homem invisível» dos filmes de 38... Hoje — quem se lembra dele? O que é invisível esquece...

OLHEMOS O MUNDO

Sim, olhem o mundo... Se conhecemos um pouco o que é o cinema em cada país do mundo, as obras que nele se produzem e os serviços que prestam a cada povo, teríamos uma visão clara da época em que vivemos, dos países que marcham na senda do progresso e dos que se debatem em crises terríveis e procuram na guerra a solução dos seus problemas económicos e sociais.

Se pudéssemos... Mas, da janela onde nos encontramos, é difícil olhar o mundo. Sim, é difícil. Porém, quando os olhos do homem querem, haverá alguma coisa que eles não consigam enxergar?

CINEMASCÓPIO

Em todo o mundo, os americanos invadem os cinemas com a sua nova marca de coca-cola; o cinemascópio... Vários cinemas em Lisboa, já montaram a necessária equipagem técnica. Na temporada 1954-55, a Metro Goldwyn Mayer distribuirá 5 filmes no novo sistema e a 20 th Century Fox, 13.

A revista «Visor», que continua a publicar-se todos os meses, com regularidade, dedica o seu n.º 17 a esta nova revolução do cinema americano, inserindo uma preciosa antologia-crítica, com depoimentos de críticos de vários países. Parabéns a «Visor», revista já indispensável a todos os cinefilos.

SEMANA DO CINEMA FRANCÊS

A Unifrance-Filme prepara a apresentação, em breve, de um grandioso festival do cinema francês, em Lisboa. Enquanto o nosso país continua indiferente aos Congressos Internacionais do Cinema, hoje organizados em quase todos os países do mundo, estas iniciativas das organizações estrangeiras trazem até nós as possibilidades de conhecermos, em conjunto, os filmes mais representativos e mais recentes dos seus países.

CONGRESSOS DO CINEMA BRASILEIRO

Em Dezembro do ano findo, reuniu-se, em São Paulo, o II Congresso Nacional do cinema brasileiro. Aindamos aritméticamente, vale a pena falar da força expressiva desta grandiosa manifestação pela existência de um cinema nacional digno do Brasil e do seu povo.

Dos 2.000 profissionais do cinema brasileiro, 1.200 assinaram o manifesto convocatório; das grandes produtoras, dos independentes, dos laboratórios, dos exibidores, dos cine-clubes, dos directores, actores e técnicos, compareceram 300 delegados. O volume das teses apresentadas ultrapassou a casa dos quarenta; finalmente, o número de resoluções aprovadas, incidindo sobre os problemas mais dispare, atingiu a importante cifra de 48. Precisamente a última resolução declarava:

«Considerando a responsabilidade dos homens que militam em todos os sectores da cinematografia nacional, recomendar que, a exemplo do espirito que presidiu a este congresso, todos os nossos profissionais do cinema mantenham inquebrantável a sua unidade e coesão, em proveito dos elevados interesses do cinema brasileiro.»

Unidade e coesão... — porque não haverá unidade e coesão também entre nós, no cinema português? Porque não se fará entre nós um Congresso do Cinema Português, também? Porquê?

CINE-POZ

Apresenta, hoje, o excepcional filme francês, «Pena de morte». Uma obra discutida em todo o mundo como um dos mais tremendos libelos contra a condenação à morte, e que constitui um espectáculo de forte realismo e extraordinária emoção. A sociedade tem obrigação de proteger-se contra o crime, mas é preciso que se faça uma defesa inteligente, sobrepujando a eficácia, e que não se empreguem processos bárbaros, que não servem de nada. (Espectáculo para maiores de 18 anos).

Quinta feira, dia 21, sensacional programa duplo.

O tesouro do templo, com Glenn Ford, Patricia Medina e Diana Lynn. Um pergaminho roubado... e vários aventureiros lançam-se em sua procura para alcançarem um tesouro oculto nas ruínas de um velho templo no México. Todo o mistério e grandeza das velhas civilizações já desaparecidas.

Tragédia na cidade, filme com Ginger Rogers, Ronald Reagan e Doris Day. Os imponentes ritos secretos, durante os quais os mascarados da seita maldita — Ku Klux Klan — flagelam as suas vítimas. (Espectáculo para maiores de 18 anos).

Visado pela Comissão de Censura



DESPORTO

FUTEBOL

Campeonato Nacional II Divisão (Zona Sul)

FARENSE, 0 — ESTORIL PRAIA, 1

O Estádio de São Luiz, em Faro, teve no domingo passado a maior enchente da época. Na verdade, o jogo Estoril-Farense era aguardado com entusiasmo e com expectativa. Não viamos a equipa do Estoril jogar há quatro anos, e pelo que tivemos ocasião de presenciar em Faro, resta-nos apenas citar que nos deixou fraca impressão, não só por ser uma equipa de Lisboa, como também por se encontrar à frente da classificação. A equipa do Estoril vive, portanto, só do «nome». Tem, na verdade, jogadores com nome no futebol português, como os internacionais Alberto e Lourenço, os conhecidos Melão, Pagola, Pinero, Eloy e Andrade. Todos eles foram bons, mas hoje deixam muito a desejar... Uma vez que se aproxime o fim do campeonato, eles estarão certamente esgotados, pois não podem de forma alguma, com a idade que contam, aguentar prova tão comprida e tão dura.

Os dois grupos jogaram pouco, para não dizer mal, mas o Estoril foi, ainda assim, aquele que pior jogou.

O futebol é mesmo assim. O Farense jogou quase todo o tempo dentro da grande área defendida pelos rapazes da Costa do Sol, e estes, com o factor sorte, levaram para Lisboa uma preciosa vitória. O gol foi marcado aos 10 minutos finais, numa jogada em que Ventura e Isaurindo foram batidos num pontapé rasteiro do espanhol Pinero.

O Farense entrou com «azar» nesta prova, pois o Oriental também levou da capital um ponto, e agora o Estoril, dois. Nestes encontros citados, os guardiões visitantes fizeram exibições magníficas. Enfim um jogo em que o Farense foi mal derrotado e que podia ter ganho facilmente.

Algumas considerações aos jogadores:

Tinturaria Portuguesa

APARTADO N.º 21
MATOSINHOS

No próprio interesse de V. Ex.ª deverá fixar a firma

TIPOGRAFIA CARIMBOS

FÁBRICA DE CARIMBOS

Meio século de existência garante a perfeição dos seus SERVIÇOS GRÁFICOS

TELEFONE 59 APARTADO 3

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C. A. L.ª
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ANDYK”

carrega em LISBOA em 27 de OUTUBRO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DURANGO» — 19 de Outubro

«DONGEDYK» — 27 de Outubro

AO QUE CONDUZ

O HUMORISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

nado sobre certo sector da vida, como um sábio sobre a ciência; é necessário, em suma, conhecer o quotidiano, extraindo dele, devidamente deformados, os casos susceptíveis de se diluírem no anedótico.

Eu não possuo o espirito de análise para essas coisas, e antes me interesse muito mais pelas grandes sínteses. Influência do meio? Talvez.

Os meus pensamentos são filhos da noite e saem sóbrios e paradoxalmente pouco românticos. Em verdade, nunca fui um noctívago contemplativo dos astros, porque... sendo a tua companheira dos poetas, receio renovar os versos muito mais que, conscientemente, atirei para o fundo da gaveta.

Há pouco tempo, ainda rimava estrofes de sabor anteriorano, com uns ressaibos de filosofia a avivar as linhas mestras dum quadro de crítica. O lirismo raras vezes me bateu à porta, e agora talvez me tivesse desamparado em definitivo, para fazer de mim, apenas, um deambulador da alta madrugada, a despeito do conselho das pessoas pacatas, todas unânimes em apontar os males que ela faz à saúde.

A saúde cá se vai atacamando sem drogas. E o espirito vai passando sem cuidados!...

Sem cuidados... é importantíssimo! Nisso reside o meu maior segredo — um segredo que guardo tão avaramente como a opinião que tenho das mulheres...

Mas ia eu dizendo... uma vez escrevi uma «blague» inspirada nas modernas tendências do feminismo, usando duma série de opiniões alheias. Não falei propriamente de amor, para não estragar a prosa ao ter de me referir às pantufas e ao pijama do marido ideal, mas citei Schopenhauer, que sempre definiu o sexo fraco como o diluente eficaz das prosápias do sexo forte. Escrevi, podem crer, coisas fantásticas; libelo acusatório onde só faltou pedir a pena de morte para o acusado. Evidentemente, no fim fiquei receoso de sérias represálias e, à cautela, fui deitando água na fervura e... terminei assim:

«A mulher é forte, caprichosa e capaz das maiores lutas. Porque certo filósofo lhe chamou «animal de cabelos compridos e ideias curtas», ela, destemida, cortou as tranças, deitou a fumar e agitou o problema da sua emancipação.

Muito a sério: Estou decididamente de acordo com essa actividade. Em troca desta adesão voluntária, seja-me perdoada esta brincadeira, onde apenas há levandade e mentira... Desde que um dia, tendo Oscar Wilde, soube que uma princesa Salomé pedira a cabeça do profeta Iokanan, confesso (não me envergonho da confissão!) passei a temer das minhas opiniões sobre a mulher! Ai tem ao que conduziu o meu humorismo; A desculpa, mil vezes mais deprimente, do que a sujeição, em gatola dourada, dos homens felizes de pantufas e pijama!

J. Silva Carvalho

Movimento Escolar

Começaram, no dia 7 do corrente, com grande afluência de alunos, as aulas do novo ano lectivo, nas escolas primárias de ambos os sexos.

Além dos dignos professores existentes, começaram a prestar serviço, nas escolas deste concelho, mais as seguintes unidades docentes:

Escola Feminina: sr.ª D. Maria Arsenio Pereira Gil.

Escola Masculina: sr.ª José Armando dos Reis, João de Lima Pereira e Francisco Caldeira Alexandre.

Escola Mista do sítio das Hortas: sr.ª D. Maria da Encarnação Águas Mira.

V. Ex.ª precisa de

MÓVEIS

modernos, pintados ou polidos? CONSULTE A

Casa PATROCÍNIO

que lhe proporcionará o mais perfeito trabalho.

Agência Funerária

R. Cons. Frederico Ramires, 42-44

Vila Real de Santo António

Falecimentos

Maria da Luz Monteiro Pacheco

No dia 9 do mês de Setembro, findo, faleceu na Luz, concelho de Lagos, a sr.ª D. Mariana da Luz Monteiro Pacheco, viuva, natural de Lagoa.

A virtuosa senhora, que contava 91 anos de idade, era mãe da sr.ª D. Iria Maria Pacheco dos Reis, professora oficial na Luz (Lagos), e do sr. capitão Inácio Monteiro Pacheco, comandante da Guarda Fiscal nesta vila e nosso prezado amigo.

Ao sr. cap. Monteiro Pacheco, bem como à restante família enlutada, manifestamos o nosso sincero pesar.

Isabel Maria de Brito Bivar da Silva e Sabbo

Após prolongada doença, faleceu em Faro, no passado dia 4, a sr.ª D. Isabel Maria de Brito Bivar da Silva e Sabbo, de 43 anos de idade, esposa do sr. dr. Luís Augusto da Silva e Sabbo, notário e vice-presidente da Câmara Municipal de Faro, e mãe da menina Maria Luísa de Bivar Weinholtz e Sabbo, aluna da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e do menino João de Bivar Weinholtz e Sabbo, aluno do Colégio Militar.

A extinta era filha da sr.ª D. Laura Júdice Guerreiro de Brito de Bivar Weinholtz e do sr. dr. Justino Cúmano de Bivar Weinholtz, recentemente falecido, e irmã dos srs. eng. Manuel de Bivar Weinholtz e dr. Frederico de Bivar Weinholtz.

A família enlutada, e em especial ao sr. dr. Luís Sabbo, apresentamos sentidas condolências.

António Baptista Parra

No passado dia 10, faleceu, em Casablanca, o sr. António Baptista Parra, fogueiro marítimo, de 65 anos de idade, natural desta vila.

O extinto era casado com a sr.ª D. Matilde Fernandes, e pai da sr.ª D. Diamantina Fernandes Parra Leiria, esposa do nosso prezado assinante sr. Maglório Flores Leiria, e do sr. José Fernandes Baptista, e tio do sr. Isaurindo Branquinho Parra, nosso prezado assinante.

A família enlutada, «Notícias do Algarve» apresenta sentidas condolências.

João Carlota Bulgesso

Também no dia 10, faleceu nesta vila, após prolongada doença, o sr. João Carlota Bulgesso, de 57 anos de idade, piloto da Barra e Rio Guadiana, natural do Pomarão.

O extinto era casado com a sr.ª D. Maria Gomes Raposo, e pai da sr.ª D. Maria Albertina Carlota e do nosso prezado amigo, sr. João Gomes Carlota.

A família enlutada, apresenta, «Notícias do Algarve», sentidas péssimas.

Este funeral esteve a cargo da «Casa Funerária», de Emiliano Viegas.

VINHOS

Aguardentes e licorosos 100%. Antes de comprar, consultem sempre o TREZE — Cartaxo.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:

MANUEL DA SILVA DOMINGUES

Avenida da República

— Telefone 12 —

A ILVSTRADORA LIMITADA

Rua de S. Paulo 232
LISBOA
TELEF. 25764

Foto-ZINCO
TRICROMIA
FOTOGRAVURA
ZINCO-GRAVURA
E
DESENHO

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS
A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS

RAMOS & MATEUS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TROPEÇOS DO TURISMO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

posterior, e sobretudo templos): a observação geográfica da formação, distribuição e adaptação de formas artísticas, e das afinidades mais surpreendentes de costumes populares em todas as manifestações mais notáveis.

Pois viu-se e desejou-se, porque lhe faltavam informações de localização, facilidades de comunicação, explicações necessárias a orientar-se na realização do projecto, que o trouxera. Em cidades e nas vilas maiores, teve de angariar indicações, que lhe davam desencontradas. Perdeu-se várias vezes. Realizou pouco do que pretendia e era demais para uma vez só. O que via nos livros seduzia-o, mas as dificuldades encontradas, e frequentemente inenunciáveis, desiludiram-no.

—Não foi o que não vi o que me desgostou; compreendo que era excessivo, a não ser de passagem e rapidamente como simples turista, que vê e não fica a saber nada, — comentava ele. — Não. O pior foram os tropeços de toda a ordem. Perguntava e não sabiam responder-me! Ou, para fingirem de conhecedores, diziam o que logo verificava ser falso.

Não sei se, por esses lugares por onde andou, haveria bons informadores, e se as Câmaras Municipais teriam montados os serviços, embora rudimentares, do turismo. Que, apesar de tudo, o homem tirou fotografias, fez desenhos e encheu cadernos de apontamentos! Não concluiu a tarefa, que tinha planeado e foi para ele o maior fracasso: — Vou pesá-lo! — repetiu-me à hora da partida.

Também, há anos, um diplomata inglês, que fez alguma residência entre nós, foi ao Norte com a esposa; andou por Trás-os-Montes e pelo Minho. Era no mês de Junho; mês rico de manifestações etnográficas, deu-lhe o ensejo de assistir a muitas festas; pela colheita, que fez destes costumes nortenhos, entusiasmado pelas referências de Leite de Vasconcelos, que proclamava a província transmontana a mais rica de observação etnográfica, autêntico tesouro encantado, e dominado pelas belezas naturais de todo o Norte, o diplomata vinha satisfeitíssimo. A única razão de queixa, que trazia, era das deficiências de informação e de acomodação. Nem quem o informasse como devia ser, nem pensões sofríveis onde não havia hotéis, que na maior parte dos casos nada recomendava.

Menciono estes dois estudos de acentuados portugueses, a viagem na nossa terra sem preparação nem apresentação oficial para a viagem e para a personalidade de ambos; mas podia citar outros em situações idênticas, em outros lugares de outras províncias. Sabemos que hoje se encontram superiores recursos e nem tudo de que os dois se queixaram lhes daria as mesmas razões; mas ainda muito e muito subsiste que as renovaria.

Não se publicou, um destes dias, num jornal de Lisboa, a informação de terem passado por Évora alguns turistas estrangeiros, que foram à cidade maravilhosa de história e de sugestões artísticas, e depois de a visitarem, tiveram de ir procurar hospedagem a outras terras, porque não encontraram hotel e não lhes agradaram as pensões? O mal não é só dos pequenos povoados!

As actuais pousadas do Secretariado Nacional de Informação ficaram situadas em pontos adequados ao seu objectivo turístico. Há tantos outros locais que chamaríamos «estratégicos», nas viagens de conhecimento e apreciação da nossa paisagem e nas proximidades de regiões ricas de monumentalidade e de observação etnográfica, e nada af se montou que satisfizesse as exigências mínimas de quem os procura. O Secretariado já anunciou a criação de novas pousadas, em lugares a escolher, o que nos faz prever aperfeiçoamento da organização turística. A fiscalização das pensões tem produzido efeito.

Em Dezembro, fui a Portalegre; instalei-me numa pensão muito limpa e atraente. Fiquei satisfeito. Pouco depois, fui a outra povoação; ali, a pensão que me indicaram era horrível; tem por baixo um café com bilhar, onde o barulho era tal que não deixava descansar ninguém no andar de cima. Esta vizinhança é tão frequente que parece plano comum de exploração turística; se não é café ou bar, passa a garagem, coisa mais actual, e já encontrarei mercarias com comes-e-bebes até altas horas. Para cartaz, torna-se desolador.

Estradas boas e bem sinalizadas, é muito e não é tudo; não basta; os que viajam precisam de descansar e comer sossegados e comodamente, com limpeza, simpatia e bom tratamento; luxo, dispensa-o quem viaja na satisfação de passar e não de parar em estância de demora; exige o indis-

ELEMENTOS PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

sa, um outro aspecto há, curiosíssimo e que oferece perspectivas de uma amplitude ilimitada. Referimo-nos ao fabrico de fibras artificiais, uma indústria verdadeiramente revolucionária e que fez o seu aparecimento em grande escala, há catorze anos. Depois do «nylon», do «dacron», do «orlon», do «Dinel» e de outras variedades, pois parece-nos que neste campo as possibilidades são vastas, temos o «fibreglas», o único membro inorgânico da família de fibras artificiais e aquele que, julgamos, se pode fabricar no nosso país, em condições de concorrer com a indústria estrangeira.

Reune Vila Real de Santo António condições singulares para o fabrico do «fibreglas», precisamente porque aqui existem as matérias essenciais ao seu fabrico: areia, cal e sal, transformado, este último, em soda. Além destas matérias, as únicas requeridas, há ainda o combustível, o gás metano do Guadiana que, não sabemos porquê, continua a aguardar aproveitamento.

Temos presente uma resumida descrição do «fibreglas». Diz ela: «Do vidro com um fazem-se, para maior facilidade de inspecção e manejo, bolinhas que em seguida se fundem e deixam passar, em estado líquido, por uma série de minúsculas aberturas. Depois disso, enrolam-se em uma dobradura de alta velocidade e se estiram para formar filamentos múltiplos, a razão de mais de 1.600 metros por minuto. Para obter fibra cortada, em vez de filamentos contínuos, recortam-se estes por meio de jactos de vapor. Pulveriza-se essa «neve» de fibras de vidro com um lubrificante, seca-se e apanha-se em forma de «corda» frouxa, que em seguida se converte em fios para tecido. O diâmetro desta fibra pode ser controlado com exactidão. A média costuma ser 0,005 a 0,10 mm.»

Para mais perfeito esclarecimento, publicamos o gráfico junto, que dá ideia das operações indispensáveis, em ordem e arranjo.

Falta, por isso mesmo, o indispensável na organização geral e na apresentação de hotéis e pensões. Nas povoações maiores e de maior responsabilidade nos serviços públicos, ainda se encontra por onde escolher, dentro de certos limites, que cada pessoa forma ou tolera; se essas requisitadas cuidados e vigilância, não são os que mais se lhes esquivam. O turista, que sai dessas povoações e percorre as estradas, sem saber para onde vai ou guiando-se por itinerários distribuídos, é o mais precisado de auxílio. Tem as pousadas, dirão; têm, se as encontram no caminho. E onde não tenham esse recurso e se dirijam à povoação mais próxima, na hora em que precisem de descanso e de alimentação?

Uma organização completa prevê todos os casos e providenciará em condordância. E nestas circunstâncias, atingem o cúmulo da sua função as comissões regionais ou locais de turismo. E' pouco demais que se faça propaganda; de que serve ela, se não forem dadas garantias de satisfação aos que, atraídos por ela, vão satisfazer curiosidades criadas e gozar as maravilhas anunciadas? Dizia-me há dias alguém, que percorreu grande parte das nossas províncias: — Gostei; é tudo muito bonito; boa gente; coisas admiráveis; só me faltou uma satisfação: a de ter, sempre e em toda a parte, uma cama sofrível para descansar e uma refeição regular à hora certa. Tirando o Porto e talvez Braga... quase mais nada!

No dia em que não ouvirmos repetir isto, então sim, estamos prontos para o turismo internacional.

veis ao fabrico do «fibreglas».

As nossas areias e os nossos calcários devem ser óptimos para a obtenção dessa valiosa fibra, e dizemos que são óptimos, porque ainda há pouco mais de quarenta anos seguia daqui para fábricas de vidro, cremos que de Espanha, areia alvissima dos areiros da horta do sr. João da Cruz Planxarte, e quanto aos calcários todos sabemos que eles são utilizados na preparação do enxofre, na Mina de S. Domingos.

Quer isto dizer que temos aqui uma riqueza em potência, sobre a qual se começa a debruçar a curiosidade dos técnicos, não só dos estrangeiros como também dos portugueses.

Para se avaliar da importância mundial que têm hoje as fibras artificiais, basta apontar números que nos dizem directamente respeito. De Janeiro a Julho deste ano, importámos dessas fibras, em fio contínuo, 553.907 quilos, no valor de 33.512.126\$00; em tecidos e malhas, 7.739.288\$00 e em fibras artificiais descontínuas, 206.362\$00.

Metano do Guadiana O gás metano do Guadiana, analisado no Instituto Superior Técnico pelo falecido prof. Charles Lepierre, acusou: metano, 93,1%; anidrido, 4,1%; oxigénio, 1,9%; azoto, 0,8%. Vestígios de compostos sulfúreos (ácido-sulfídrico) — menor de 1/1.000. Ausência de hidrocarbonetos etilénicos. Ausência de hidrocarbonetos aromáticos.

A escassez do «pilchard» na América É tão grave a crise que atravesse a indústria de conservas de «pilchard», na América do Norte, que algumas fábricas estão a ser desmanteladas e vendido o seu recheio. A produção de conservas desta espécie inferior, a que os norte-americanos chamam sardinha, que foi, em 1950, de 4.430.000 caixas, desceu o ano passado para 64.734 caixas.

Os industriais californianos voltaram-se para o aproveitamento da anchova, pretendendo vendê-la como «sardinha», mas a esta designação se opõe a lei americana. Tentativas para fabricar as anchovas pelo sistema português revelaram-se desanimadoras, em consequência do elevado preço a que ficam tais conservas. E regateiam ainda os americanos os nossos preços!

Atum no mercado americano Acentua-se o desenvolvimento da indústria e do consumo de atum, na América do Norte. O ano passado, foram ali produzidas nove milhões e novecentas mil caixas e importaram-se 1.500.000 caixas de atum e salmoura, 220.000 em óleo e 525.000 caixas de bonito.

A pesca do atum Segundo informa a revista «Indústria e Pesca», vai constituir-se em Madrid uma nova empresa de pesca, da qual farão parte firmas galegas, com interesses nas indústrias de conservas e pescas, e que terá a sua base em Vigo. A Atunera Española — assim se denominará a nova empresa — propõe-se armar alguns barcos de pesca do alto, destinados à pes-

Breves notas sobre «O vermelho e o preto»

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA)

literatura. Como escritor, nunca teve grande pressa em franquear as portas do êxito e da glória, nem possivelmente almejava a imortalidade das letras. Desejando viver, mas viver na realidade, carnalmente, esse homem sagaz, talvez considerasse a arte como uma mistificação, da mesma forma que via nas manifestações da vida, puros charlatanismos. Era excessivamente cínico para se dar ao luxo de levar as coisas muito a sério; bastante egoísta para tomar atitudes decisivas. Por isso, escreveu sem programas bem definidos, longe dos murmúrios das tertúlias e das modas que corriam no seu tempo, tão ignorado que até, um dia, ele próprio se surpreendeu com um homem da caveira de Balzac tivesse detido a atenção nos pobres escritos que ele trabalhava à falta de melhor passatempo. Nietzsche disse, numa ocasião, que as suas maiores descobertas, no campo da psicologia, tinham sido Stendhal e Dostoevski.

Nunca, na verdade, homens e ideias, os sentimentos e a vida, foram submetidos a uma análise tão pertinente e apaixonada como em Stendhal. Servindo-se duma linguagem que a tantos se lhes afigura destituída de qualquer virtude estilística, Stendhal serve-se das palavras, explorando-lhes o seu verdadeiro valor, num desprezo a tudo o que se lhe antolha de inútil, numa raiva de apreender o real, em sínteses concisas e admiráveis. Desde muito novo, manifesta esse ardor pela exactidão e, já na juventude, passa horas e horas fechado num quarto a estudar matemática, emocionando-se nesse estudo onde colhe os maiores prazeres, chegando completamente a esquecer-se da sua própria existência. Mais tarde, lê e relê o «Código Civil», para conseguir o domínio perfeito da expressão, o emprego lacónico das palavras a traduzirem situações bem definidas e exactas. Em Stendhal, principalmente nos seus romances *Le Rouge et le Noir* e *Chartreuse de Parme*, nada encontramos de inútil ou ocioso. Uma linguagem precisa, exacta, perfeitamente medida, disciplinada, a servir uma observação minuciosa e atenta.

Nas nossas andanças literárias, só algumas obras de Górkí, nas suas descrições da vida dos vagabundos, encontramos idêntica precisão de linguagem, esse perfeito domínio em representar tipos e ambientes, homens e mulheres, integrados dentro da sua verdadeira paisagem social. *O vermelho e o preto* é dos excepcionais romances que não conseguem fatigar, uma das raras obras que, após sucessivas leituras, nos oferece novas descobertas. Uma frase, um comentário, uma reflexão, um breve apontamento, encerram esse denso mundo onde as paixões vivem e se combatem.

O mundo de Stendhal é um mundo activo, um mundo excitante, roído de febre, a exigir dos homens constante acção e vigilância. O acto insignificante, o pensamento irreflexivo, o gesto descuidado, não têm lugar no mundo de Stendhal. Todas as coisas se relacionam, todos os factos se ligam, tudo se combina para erguer ou afundar um destino humano. Uma vitória, por mais insignificante, é sempre uma vitória, tal como um fracasso constitui um passo para a derrota. A vontade humana forja-se quotidianamente, e por isso os protagonistas do autor de *O vermelho e o preto* não desdenham dos actos insignificantes que se travam no dia-a-dia de cada indivíduo. A realização de qualquer acto só ganha valor humano quando prodigaliza ao seu autor não só o triunfo como lhe dá a satisfação moral de se considerar como ser racional — a confiança nas suas possibilidades, na sua audácia e inteligência.

Quando Julião Sorel, esse irmão gêmeo de todos os Napoleões, pequenos e grandes, esse figurão traçado nos moldes das personagens de Balzac, emerge para a vida, a primeira coisa que faz é amoldar os seus sonhos de idealista e tentar adaptar-se ao meio, enquadrar-se num mundo que não tem em grande apreço as generosas virtudes, nem os rasgos heróicos dos puros idealistas. Ao contrário do que muitos críticos escreveram sobre a figura estranha de Sorel, nós não vemos, unicamente, no protagonista de *O vermelho e o preto*, o hipócri-

ca do atum ao sul das Canárias, utilizando isca viva.

A nova empresa pensa adquirir na América do Norte um «tuna clipper», que servirá de modelo às unidades que futuramente serão construídas em Espanha. — J. B.

ta, o camponês ajanotado que sonha com a glória, as honras e a fortuna. Sorel, apesar de toda a sua ambição, o seu egoísmo, os seus desvarios de glória, não é melhor nem pior do que os outros. Unicamente, os seus actos tornam-se censuráveis e repulsivos, porque a sua condição social, a sua qualidade de homem integrado num meio social inferior, lhe proibem o acesso às honras que os outros disfrutam. Deste modo, Sorel encontra no seu caminho uma ética rígida que se mostra, no entanto, complacente para os outros. No decorrer do romance, torna-se evidente que Sorel chegou demasiado tarde ao tablado da vida social.

Inúmeras vezes, debruçando-se sobre o seu destino, Sorel manifesta sempre o mesmo pensamento: *Nessa época, um homem como eu ou era morto ou feito general aos trinta anos.* Tinha passado já os belos e terríveis tempos da Revolução. Todo o idealismo de 89 acabara tragicamente na guilhotina, tinham rolado as cabeças de Robespierre e de Danton; Marat fora assassinado; à elite revolucionária dos românticos, sucedera uma súcia de negociantes, espíritos práticos, homens que se acomodavam para digerirem sossegadamente os frutos da grande tempestade que abalara toda a França. Para alguns — já não restavam dúvidas algumas — é que se fizera a revolução. Era certo que ainda, nos bairros insalubres de Paris e Marselha, corria o eco das profecias ardentes de um Babeuf, a lava incendiária a vaticinar futuros temporais, borrascas ainda mais fortes, cujos sintomas se fariam sentir em 1848 e 1870. Mas o movimento incipiente e prematuro de Babeuf sucumbia, faltando-lhe todas as condições de triunfo, já que o terreno, por enquanto, se mostrava hostil ao desenvolvimento das novas forças que surgiam à superfície da vida social.

Viera Napoleão, voluntarioso e ordeiro, disciplinar os ânimos revolucionários e consolidar definitivamente a obra de 89, como proclamara no golpe revolucionário, que lhe deu a direcção da França. Mas os próprios sonhos napoleónicos soçobraram nas esteiras geladas da legendária Rússia. O mundo agora já não era dos nobres ou militares, mas pertencia a outra qualidade de homens, mais comedidos nos seus actos possuindo um sentido utilitário das coisas, ousados nos seus empreendimentos e dispostos a gozarem todas as vantagens que só a riqueza pode dar. Sorel, como admirador fervoroso de Napoleão, lamenta a perda dessa bela época, onde um simples camponês ou um artesão podia, através dum acto audacioso e heróico, tornar-se, dum momento para o outro, um homem de elevada posição social. Ora, Sorel não é o hipócrita inato, já que nos repugna aceitar que se nasça hipócrita. O meio que acolhe o indivíduo é que modela as vidas e os caracteres. Ora o mundo, onde Sorel é obrigado a viver, é retinamente hipócrita e falso. Nesse mundo é-se hipócrita indistintamente, viva-se num palácio ou numa cabana. Claro que a hipocrisia apresenta tonalidades diferentes, gamas variadas que vão do requinte mais subtil ao tom mais grosseiro.

O carpinteiro, o velho e manhooso Sorel, é tão hipócrita como qualquer outro que visita a casa da sr.^a Renal, ou o palácio do senhor De la Mole. Dir-se-ia que esse mundo ainda vive cheio de ilusões e que toda a gente tem fundados motivos e boas esperanças para acreditar em tal mundo. Nas dissensões que se estabelecem quotidianamente entre as várias pessoas, a guerra não se declara abertamente. Todos se odeiam e tentam prejudicar, mas todos procuram salvaguardar as conveniências. Mas essa luta persistente e tenaz, digna de toupeiras, essa vida mesquinha e sórdida atinge idêntica violência, o mesmo furor selvagem, a impiedade para com os outros. Por isso, a hipocrisia só nas sociedades que ainda não atingiram um estado adiantado de decomposição se manifesta uma arma eficiente e útil. Quer dizer, só aí a luta entre paixões diferentes se pode travar duma forma diplomática, suavisada, de molde a ocultar os seus verdadeiros desígnios, a esconder os seus objectivos. O mundo onde Sorel vive, apesar de todas as suas frustrações, é ainda um mundo que promete, um mundo ainda cheio de ilusões. Mas nem por isso deixa de ser um mundo de mediocridade, de canalhices, de baixas torpezas.

O grande mérito de Stendhal foi antecipar-se à sua própria época, descobrir na origem a natureza dos grandes conflitos, desvendando os motivos que dariam grandeza e importância a esses conflitos do nosso tempo. E' nesse aspecto, como registo de toda uma época e a análise do de-

envolvimento dos conflitos posteriores que a obra de Stendhal representa um documento valioso, uma obra que define toda uma sociedade. Só em Balzac, esse mago da literatura, cuja sagacidade analítica era verdadeiramente espantosa, podemos encontrar a mesma profundidade de pensamento, a fidelidade à realidade social que deparamos na obra de Stendhal. Stendhal, ainda como Balzac, não deixa transparecer a preferência das suas paixões, limitando-se a interpretar a vida, não efectivamente como homem desinteressado ou alheio ao processo da sociedade, mas sobrepondo-se a toda a mesquinha que pudesse traír todas as suas qualidades de artistas e a comprometer a sua posição de observador. Podem-se bem aplicar ao autor de *O vermelho e o preto* as suas próprias palavras, que traduzem uma exacta concepção do romance, ainda bem válida para os ficcionistas do nosso tempo: *«um romance é um espelho que se passeia ao longo de uma grande estrada. Tão depressa reflecte aos nossos olhos o azul dos céus, como a lama dos lamaçais da estrada.»*

«O vermelho e o preto» não é, unicamente, o romance dum jovem ambicioso, isento de escrúpulos, corrompido até à medula pelas ideias do seu tempo. Julião Sorel também se não pode considerar paradigma do hipócrita, pois uma leitura cuidadosa da obra de Stendhal nos permitirá ver que a educação desse tartufo do século XIX não atinge um verdadeiro virtuosismo nesse aspecto. Sabendo que uma das condições para se triunfar é tornar-se um hipócrita consumado, chegando, através da observação das relações sociais que a qualidade de hipócrita é imperativo necessário para o êxito na sociedade, Sorel não consegue passar dum aprendizado dessa arte. A sua experiência da vida, por acanhada, defeituosa por timidez ou comandada por acessos súbitos de ordem emocional, também se não pode considerar completa. Lembrem-se a propósito as atitudes assumidas por Sorel em relação a Matilde de La Lole. Temos de convir que todos os estratagemas de que se serve Sorel, seguindo as indicações do príncipe russo, são bem ingénuas e frágeis para alcançarem sucessos no campo das paixões amorosas. Pelo menos, todos esses estratagemas nada têm de inédito, são demasiado conhecidos para se considerarem uma descoberta psicológica. Claro que, não esqueçamos que Sorel, ao usar da técnica amorosa aconselhada pelo amigo, perderá momentaneamente todos os seus dotes de raciocínio e discernimento. Mas o que não deixa de ser estranho é depararmos, numa personalidade fria e calculista como Sorel, uma pessoa susceptível de se emocionar, de se deixar vencer pelas pequenas contrariedades. Por isso, recusamo-nos a ver em Sorel o protótipo do hipócrita, preferindo considerá-lo um mero aprendiz, um indivíduo que busca adaptar-se ao meio. Claro, todo o drama de Sorel nasce da sua condição social e das ambições que alimenta. O conflito de todo o livro reside nesse antagonismo. *Fazer fortuna era para Julião, em primeiro lugar, sair de Verrières; detestava a sua terra natal. Tudo quanto ali se lhe deparava gelava a sua imaginação.*

(Conclui no próximo número)

Rodrigues Pena

COMANDANTE Henriques de Brito

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

coronel Pereira Milreu, presidente da Câmara Municipal daquela cidade, coronel Ferreira de Sousa, comandante do Batalhão de Caçadores 4, capitão Marques Loureiro, comandante distrital da P. S. P., capitães dos portos de Oihão, Portimão e Lagos, capitão Jorge Ribeiro, presidente da Câmara de Tavira, dr. Teixeira Marques, delegado do Instituto Nacional do Trabalho, etc.

No acto da imposição das insígnias, usaram da palavra, enaltecendo as brilhantes qualidades pessoais e os relevantes serviços prestados pelo agraciado, os srs. comandante D. Ricardo Benito Perera, D. Enrique Suarez de Puga e Villegas, ilustre cónsul de Espanha, e o sr. governador civil, eng. Mascarenhas Galvão, tendo agradecido o sr. comandante Henriques de Brito, visivelmente sensibilizado.

Foi servido, seguidamente, um vinho de honra aos numerosíssimos convidados.

Agradecemos ao distinto diplomata, sr. D. Enrique Suarez de Puga, o convite que teve a amabilidade de enviar-nos.